

CARTOGRAFIA DO LIMITE: O ESPAÇO PÚBLICO E SUA BORDA MOLHADA.

FABRICIO SANZ ENCARNAÇÃO¹; EDUARDO ROCHA²

¹ PROGRAU/UFPEL – fabricioencarnacao@hotmail.com

² PROGRAU/UFPEL – amigodudu@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho vem enaltecer o espaço livre de uso público, situados nas bordas molhadas das cidades, exaltando esse importante limite que a cidade faz com a água, valorando a pertinente apropriação desses espaços pelos cidadãos e pautados pela diversidade e a urbanidade. Cidades, hoje, que são habitadas por uma complexa sociedade, que não muito raro passa por momentos de futuros incertos e que necessita de atitudes mais reflexivas sobre um novo olhar para a questão do urbanismo na contemporaneidade.

Hoje, o modelo de cidade que é almejada pelas pessoas é aquele que dá abrigo ao diferente, que reconhece a complexidade, que suporta a tecnologia, que reconhece a alteridade, que apoia a diversidade de gêneros, que aplica justamente as leis que promove uma economia social e que viabiliza a mobilidade. (ASCHER, 2010)

Podemos observar que desde o primeiro século, quando Vitruvio (2006) elenca alguns princípios para a decisão de se escolher um bom lugar para se implantar novas cidades, uma das primeiras características que ele ressalva é a eleição de um lugar o mais saudável possível, e dedica uma grande parte do seu trabalho para analisar os tipos de água e sua relação com a saúde.

Alberti (2012), em seu Tratado de Arquitetura, observa que as cidades e os serviços públicos que fazem parte dela, são destinados a todos e que o propósito de se implantar uma nova cidade em algum lugar é propiciar aos habitantes viver em tranquilidade, sem doenças e da forma mais confortável possível, ainda enfatiza que a água e o fogo são os elementos fundamentais para que os homens possam se reunir em grandes comunidades.

Jan Gehl (2013) argumenta que as estruturas urbanas influenciam o comportamento humano e define como funcionam as cidades. Observa a estreita ligação entre o espaço público e uma boa qualidade de vida dos cidadãos e que esse aspecto pode ser percebido em várias escalas, desde uma pequena área aberta até grandes parques e orlas.

A contemporaneidade fomenta uma ampla discussão sobre os limites, as margens e as fronteiras, apontando para a necessidade de relacionar esses temas com as questões das cidades e suas margens molhadas.

A cada dia, a pesquisa sobre o urbanismo se faz propositiva, aponta maiores associações entre a teoria e a prática, e define parâmetros para as cidades e para os projetos urbanísticos, facilitando a adoção desses conceitos em outros campos do conhecimento, alcançando um público mais generalizado.

Manter a pesquisa sobre os princípios do urbanismo em consonância com a rápida transformação da sociedade contemporânea é fundamental para que as cidades possam se preparar para buscar uma harmonia com seu tempo, principalmente a pesquisa sobre a relação do homem com o seu sítio e a sua dimensão humana, tão esquecida e tratada a ermo por tantas décadas.

A pesquisa sobre o urbanismo contemporâneo se mantém atual quando busca questionar a si mesma, revendo seus conceitos e ampliando seus limites. É mister

que o pesquisador se mantenha incessantemente rompendo limites entre áreas de conhecimento e propondo a performance interdisciplinar como uma forma mais rica de criação. Estudar os espaços de orla, com ênfase nas questões urbanas e humanas, pode estabelecer um novo olhar para a prática, o planejamento e o uso dos espaços de contato imediato entre o meio urbano, a natureza e as pessoas.

2. METODOLOGIA

A pesquisa pretende desenvolver ensaios cartográficos contemporâneos, a partir da revisão crítica de textos clássicos do urbanismo e de outras disciplinas e da experiência acumulada da visita à alguns projetos executados nas bordas molhadas de várias cidades.

Propõe pesquisar autores que escreveram sobre as cidades e os espaços públicos, revisitando-os à luz de uma abordagem contemporânea, trazendo-os para questões inerentes a contemporaneidade e renovando, assim, a teoria e a prática do urbanismo. A pesquisa utiliza textos que se debruçaram sobre questões pertinentes a vida nas cidades, com a pretensão de descobrir, nessa experiência cartográfica literária, imanências que possam ser utilizadas para agenciar novas reflexões acerca dos paradigmas que versam sobre os espaços livres de uso público e a efetiva apropriação desses espaços pela população.

A experiência de termos visitado algumas bordas molhadas de várias cidades, servirá de conteúdo para a elaboração de uma cartografia do devir contemporâneo, que exponha a importância de transformar essas bordas em espaços livre de uso público, exaltando a diversidade, a multiplicidade e a urbanidade.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atual investigação sobre o urbanismo contemporâneo tem buscado ampliar a percepção sobre o próprio urbanismo, compreendido muitas vezes de forma restrita a partir de conceitos apriorístico, sem buscar o conhecimento na alteridade, na multiplicidade e nos sentidos humanos. A pesquisa acerca do urbanismo contemporâneo deve ser investigativa e propositiva ao mesmo tempo, fornecendo a possibilidade de uma reflexão filosófica que extrapola, excede e transfigura a realidade do conhecimento clássico e que, ao fazer uma analogia com a pesquisa e a prática do urbanismo contemporâneo, autoriza a transgressão do próprio conhecimento do urbanismo, revelando, assim, novas possibilidades de se pensar as cidades.

Os autores estudados nesta pesquisa foram selecionados com o objetivo de analisar obras que se debruçaram sobre o tema das cidades e da vida urbana e que focam em hipóteses relevantes para a contemporaneidade. A busca por autores heterogêneos para desvendar temas complexos como: a economia envolvida em investimentos em áreas públicas, o crescimento das cidades, a mobilidade, a qualidade do espaço público, a diversidade cultural e principalmente o homem como escala para vida urbana, nos leva a confecção de quatro ensaios cartográficos, que buscam relacionar tema importantes acerca do urbanismo com as áreas públicas e as bordas molhadas das cidades.

- O primeiro ensaio cartográfico identifica em vários autores a preocupação com a qualidade de vida das cidades e principalmente com a apropriação das pessoas pelos espaços públicos. A relação entre a água, as bordas molhadas e a qualidade de vida são investigadas no intuito de verificar como os espaços

públicos podem promover a possibilidade do encontro, da diversidade e da urbanidade.

- O segundo ensaio cartográfico observa que a partir da revolução industrial a sociedade foi alavancada pelas novas descobertas, e que a expansão da mobilidade urbana, proporcionada pelo motor a explosão, vai mudar toda a dinâmica de crescimento das cidades e da própria sociedade. Observamos que as cidades podem crescer seguindo um modelo que se assemelha ao padrão definido por Haussmann (2007) ou por Cerdá (1867). Ou a cidade cresce sobre si mesma ou cresce extrapolando seus limites, mas como observa Cacciari (2009) sempre se mantém em crescimento. Harvey (2012), a partir de Lefevre (1999), vai observar que o investimento do excesso de capital em áreas públicas é quem vai propiciar esse crescimento das cidades e manter o ciclo do capitalismo em funcionamento. Observamos que esse modelo de investimento nas cidades continua acontecendo, visto o grande investimento em áreas públicas em toda a Europa, onde grande parte desse investimento se deu nas bordas molhadas das cidades. Como, então, podemos utilizar essa experiência acumulada para que possamos transformar as bordas molhadas de nossas cidades em um território harmônico, sustentável e com urbanidade e que respeite a alteridade.

- O terceiro ensaio investiga o fato de que a sociedade tem compreendido que o espaço público deve ser experimentado a partir da valorização da percepção sensorial e da possibilidade do encontro. Os espaços públicos devem ser pensados para servir de alicerce para que os sentidos humanos possam ser vivenciados em sua plenitude. Apoiado na leitura da filosofia o ensaio busca na teoria da Khora de Derrida (1995) a possibilidade de se pensar os espaços públicos pautados na possibilidade do terceiro gênero, do múltiplo, daquilo que pode vir a ser. A distinção entre o “Eu” e o “Si-mesmo” que Nietzsche (2011) faz, mostrando que o Eu é uma contextura histórico-social e o Si-mesmo é o poderoso soberano que habita e é o próprio corpo, é significativa quando queremos compreender as necessidades e os desejos da sociedade para com os espaços livre de uso públicos nas bordas molhadas.

- O quarto ensaio versa sobre a construção da cartografia contemporânea e coloca algumas hipóteses: Como a cartografia contemporânea se comporta em tempos onde a percepção do espaço é cada vez mais diversificado, pluralista e caótica? Como fazer cartografia para uma sociedade que não se assenta mais somente sobre o espaço físico, mas também sob o espaço virtual?

- O quinto ensaio cartográfico revive as visitas realizadas em algumas bordas molhadas com o objetivo de registrar acontecimentos e experiências agenciadas nas caminhadas e com um foco nos espaços urbanos que propiciam o encontro entre pessoas. Amsterdam, Lyon, Lisboa, Barcelona, Madri Frankfurt e Bilbao, reurbanizaram áreas públicas de orlas e investiram grandes vultos do erário destinando-o para a recuperação e criação de novos espaços públicos conectados com a água. A experiência de vivenciar esses espaços públicos, usando o experimento do caminhar, fornece base para analisar ao quanto importante é para a qualidade de vida urbana que os espaços públicos possibilitem e incentivem o encontro entre as pessoas.

4. CONCLUSÕES

Acreditamos que o planejamento e o projeto de orlas urbanas são um fenômeno de ordem mundial, expressado em distintas escalas e tipos. O aprofundamento na pesquisa sobre intervenções em orlas urbanas tem se mostrado como uma das principais vertentes para o estudo do urbanismo contemporâneo. Espera-se

contribuir para aprofundar o conhecimento sobre as cidades, destacando atributos de qualificação dos espaços públicos em orlas urbanas através da cartografia contemporânea. Complementarmente, pretende-se colaborar para que a pesquisa sobre o urbanismo se mantenha focada na escala e na dimensão humana, para que os espaços públicos sejam cada vez mais generosos e forneçam abrigo para todos os cidadãos, incentivando o diálogo entre o homem e a natureza, facilitando o contato do espaço fílico com a paisagem e promovendo o encontro entre as pessoas. Ao fim deste trabalho espera-se ter dado mais um passo no longo caminho do aprofundamento da pesquisa do urbanismo contemporâneo, principalmente na questão da urbanização das orlas, pautado na multiplicidade do conhecimento, na importância do espaço público para a vida e na escala e dimensão humana.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Leon; **Tratado de arquitetura e urbanismo**. Tradutor: Sergio Romanelli. São Paulo: Hedra, 2012.

ASHER, François. **Os novos princípios do Urbanismo**. Tradução: Nadia Somekh. São Paulo: Romano Guerra, 2010.

HAUSSMANN apud. BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Tradução do alemão: Irene Aron; Tradução do francês: Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

CACCIARI, Massimo. **A cidade**. Tradução: José J. C. Serra. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 2009.

CERDÁ, Idelfonso. **La teoria general de la urbanizacion, y aplicacion de sus principios e doctrinas a la reforma y ensanche de Barcelona**. Madri: Imprenta Española, 1867.

DERRIDA, Jacques. **Khôra**. Tradução: Nicia Adan Bonnati. Campinas: Papirus, 1995.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. Tradução: Anita Di Marco. São Paulo: Perspectiva, 2013.

HARVEY, David. **O direito a cidade**. Tradução: Jair Pinheiro. São Paulo: UNESP/Lutas Sociais, 2012.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Tradução: Sergio Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos Ídolos (ou como filosofar com o martelo)**. Tradução: Marco Antônio Casa Nova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2011.

VITRÚVIO, Pollio. **Tratado de arquitetura**. Tradução: M. Justino Maciel. Lisboa: Instituto Superior Técnico, 2006.